

OS ABRIGOS ESPÍRITAS PARA A INFÂNCIA NO BRASIL SOB O OLHAR ATENTO DA IMPRENSA ESPÍRITA LUSO-BRASILEIRA (DE 1919 A 1955): UMA BUSCA DE RECONHECIMENTO E POPULARIDADE OU SIMPLEMENTE A AFIRMAÇÃO DA CARIDADE ENQUANTO PRINCÍPIO BÁSICO DO ESPIRITISMO?

Alexandre Ramos de Azevedo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

Apesar de o espiritismo ter se afirmado publicamente, enquanto doutrina, na França de 1857, é no Brasil, a partir de 1919, que o lema “Fora da caridade não há salvação” passou a se traduzir em um intenso movimento de criação de instituições que visavam acolher, na modalidade de abrigo, a infância dita “desvalida”. É claro que antes de 1919, ainda nos primeiros anos do século XIX, os brasileiros presenciavam uma significativa obra de amparo à infância desenvolvida no Estado de São Paulo por Anália Franco. Entretanto, a espírita Anália Franco, à frente da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva do Estado de São Paulo, não desenvolve, em nosso entendimento, uma obra social propriamente espírita. Por isso, preferimos adotar o ano de fundação, na cidade do Rio de Janeiro, da instituição denominada Abrigo Teresa de Jesus como o marco inicial do período que interessa a esse trabalho. O final do nosso percurso se remete ao ano de 1955, escolhido por se tratar do ano em que um ilustre personagem da imprensa espírita portuguesa vem ao Brasil com a intenção de apresentar a seus leitores uma crônica a respeito da grande obra que, segundo ele, estava sendo desenvolvida pelos espíritas no Brasil. Essa crônica, na verdade, já vinha há muito sendo escrita através da imprensa luso-brasileira, mas a viagem teve uma intenção e/ou efeito de realçar ainda mais as virtudes de uma obra que passou a ser motivo de orgulho e, por isso, deveria ser conhecida por todos. Sabe-se que a situação dos espíritas em Portugal não era nada boa nos idos de 1955, em plena ditadura de Salazar. Com o patrimônio de inúmeras de suas instituições confiscado e com seus direitos de reunião e associação limitados, os espíritas portugueses, dispersos, tinham como um dos poucos meios de aproximação a revista “Estudos Psíquicos”, de Lisboa, fundada e dirigida Isidoro Duarte Santos desde 1940. Esse português, a convite dos brasileiros, atravessa o Atlântico e em 18 de abril chega à capital brasileira, onde começa sua jornada pelo Brasil, narrada nos dois volumes do livro “O Espiritismo no Brasil (ecos de uma viagem)”. Da capital do Brasil, ele parte para outras cidades nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Nesse percurso, boa parte de seu tempo é utilizada para visitar instituições que se dedicavam à assistência social. Dentre elas, inúmeros abrigos de crianças, tais como a Casa de Lucía, no Rio de Janeiro-DF; o Lar de Jesus, em Nova Iguaçu-RJ; o Orfanato Dr. March, em Niterói-RJ; o Lar de Maria, em Macaé-RJ; Escola Jesus-Cristo, em Campos-RJ; Casa da Criança Abandonada, em Cachoeira Paulista-SP; Lar Manuel Pessoa de Campos, em Três Rios-RJ; Instituto Jesus e Instituto Maria, em Juiz de Fora-MG; e Abrigo Jesus, em Belo Horizonte-MG. Em verdade, conforme prenunciamos acima, uma boa parte das cidades e instituições visitadas já vinham sendo noticiadas freqüentemente nas páginas da revista “Estudos Psíquicos”. Eram assunto, também, de periódicos brasileiros como a revista “Reformador”, órgão da Federação Espírita Brasileira fundado em 1883, e a Revista Espírita do Brasil, da Liga Espírita do Brasil, que circulou entre os anos de 1929 e 1950. Os abrigos e demais instituições de assistência social espíritas, visitados por Isidoro Duarte Santos, são apresentados como verdadeiros monumentos, os quais, evidentemente, angariavam reconhecimento social para aquele movimento duramente combatido desde o início, numa sociedade onde o catolicismo era predominante. Os espíritas, conforme verificamos nos periódicos e livros que serviram de fonte a esta pesquisa, acima citados, vão adquirindo cada vez mais consciência do papel que tais instituições realizavam no sentido da legitimação social de seu movimento. Tal consciência, de alguma forma, incentivou ainda mais a criação de novas instituições, principalmente a partir da década dos 40, após a consolidação das primeiras iniciativas. Por outro lado, apesar dessa consciência, pudemos verificar que os abrigos espíritas para a infância e demais instituições de cunho assistencial fundadas e mantidas por aquele movimento nunca se tornaram elemento central da divulgação doutrinária, até porque a virtude da caridade cristã, tão propalada nos seus ensinamentos, não podia nem devia, segundo a compreensão dos adeptos, ser utilizada para se fazer proselitismo.

Concluimos, então, procurando responder à questão formulada no título do presente trabalho, que os abrigos espíritas para a infância não deixam de ser, contraditoriamente, além de uma afirmação da caridade enquanto princípio básico do espiritismo, e neste sentido devem ser escondidos, preservados do orgulho e da vaidade, imperfeições que mereciam vigoroso combate; também se apresentam como algo a ser mostrado, já que “a fé sem obras é morta”, “a boa árvore deve dar bons frutos” e, além do mais, os espíritas precisavam se afirmar diante de si e dos outros, construindo uma identidade capaz de enfrentar os largos preconceitos vigentes na sociedade de então.

TRABALHO COMPLETO

Justificativa e intenções teórico-metodológicas

O trabalho que ora apresentamos está inserido num esforço mais amplo que estamos desenvolvendo no sentido de desvelar a participação dos espíritas brasileiros naquela que temos chamado de história da proteção à infância, pois acreditamos que a presença desse grupo social na literatura sobre o assunto tem sido objeto apenas de algumas menções esparsas e periféricas (Kuhlmann Jr., 2002, p. 462; Rizzini, 1995, p. 267). Isto quer dizer que, em nossa opinião, apenas um ou outro pesquisador traz alguma referência a essa atuação e, quando o faz, a citação invariavelmente não ocupa o foco principal de suas pesquisas.

Pretendemos, então, com os riscos de trilhar um caminho ainda pouco visitado, iniciar o desafio a que nos propomos, buscando, para isso, o abrangente território da história cultural, onde fomos encontrar algumas ferramentas teórico-metodológicas que nos estão ajudando a esquadriñar o objeto escolhido. Em especial, com a ajuda de alguns autores (Pesavento, 2003; Burke, 2005), temos recorrido a conceitos como de representações, práticas, imaginário e identidade.

Adiantamos que não iremos muito longe, detalhando, por exemplo, a ação dos espíritas nas instituições que começamos a pesquisar. Nosso propósito é ir apenas até a fachada destas instituições, sem entrar nelas, procurando dar uma resposta plausível à pergunta que está formulada no título do trabalho: uma busca de reconhecimento e popularidade ou a afirmação da caridade enquanto princípio básico do espiritismo?

O objeto e suas fontes de pesquisa: uma introdução

Apesar da história do espiritismo iniciar na França de 1857, é no Brasil, a partir de 1919, que o lema “Fora da caridade não há salvação” passou a se traduzir em um intenso movimento de criação de instituições voltadas para a assistência social, dentre as quais boa parte visava acolher, na modalidade de abrigo, a infância dita “desvalida”. É claro que antes de 1919, ainda nos primeiros anos do século XIX, os brasileiros presenciam uma significativa obra de proteção à infância desenvolvida no Estado de São Paulo por Anália Franco. Entretanto, a espírita Anália Franco, à frente da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva do Estado de São Paulo, não desenvolve, em nosso entendimento, uma ação social propriamente espírita. Por isso, preferimos adotar o ano de fundação, na cidade do Rio de Janeiro, da instituição denominada Abrigo Teresa de Jesus, como o marco inicial do período que aqui está nos interessando mais diretamente. É uma data arbitrária, pois não podemos garantir, com as informações levantadas até o momento, que este tenha sido realmente o primeiro abrigo espírita dedicado à infância.

O final do nosso percurso se remete ao ano de 1955, escolhido por se tratar do ano em que um ilustre personagem do movimento espírita português vem ao Brasil com a intenção de apresentar a seus leitores, de diversos países, uma crônica a respeito da grande obra que, segundo ele, estava sendo desenvolvida pelos espíritas no Brasil. Essa crônica, na verdade, já vinha há muito sendo escrita na imprensa luso-brasileira, mas a viagem empreendida acaba realçando ainda mais o trabalho social em curso, que passava a ser motivo de orgulho e, por isso, deveria ser conhecido por todos.

Sabe-se que a situação dos espíritas em Portugal não era nada boa nos idos de 1955, em plena ditadura de Salazar. Com o patrimônio de inúmeras de suas instituições confiscado e com seus direitos de reunião e associação limitados, os espíritas portugueses, dispersos, tinham como um dos poucos

meios de aproximação uma revista chamada “Estudos Psíquicos”, publicada em Lisboa, fundada e dirigida por Isidoro Duarte Santos desde 1940. Este português, a convite dos brasileiros, atravessa o Atlântico e em 18 de abril chega à capital brasileira de então, a cidade do Rio de Janeiro, por onde começa sua viagem pelo Brasil, narrada nos 2 volumes do livro “O Espiritismo no Brasil (ecos de uma viagem)”.

Da capital do Brasil, ele parte para outras cidades nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Boa parte de seu tempo é utilizada para visitar instituições que se dedicavam à assistência social. Dentre elas, inúmeros abrigos de crianças. Conheceu, por exemplo, a Casa de Luciá, no Rio de Janeiro-DF; o Lar de Jesus, em Nova Iguaçu-RJ; o Orfanato Dr. March, em Niterói-RJ; o Lar de Maria, em Macaé-RJ; Escola Jesus-Cristo, em Campos-RJ; Casa da Criança Abandonada, em Cachoeira Paulista-SP; Lar Manuel Pessoa de Campos, em Três Rios-RJ; Instituto Jesus e Instituto Maria, em Juiz de Fora-MG; e Abrigo Jesus, em Belo Horizonte-MG.

Em verdade, conforme prenunciamos acima, as cidades e instituições visitadas, em sua maior parte, já eram noticiadas freqüentemente nas páginas da revista “Estudos Psíquicos”. Eram assunto, também, de periódicos brasileiros como a revista “Reformador”, órgão da Federação Espírita Brasileira (FEB)¹ fundado em 1883, e a Revista Espírita do Brasil, da Liga Espírita do Brasil², que circulou entre os anos de 1929 e 1950.

Os abrigos e demais instituições de assistência social espíritas, visitados por Isidoro Duarte Santos, são apresentados como verdadeiros monumentos, os quais, evidentemente, angariavam reconhecimento social para aquele movimento duramente combatido desde o início, numa sociedade onde o catolicismo era predominante. Os espíritas, conforme verificamos nos periódicos e livros que serviram de fonte a esta pesquisa, vão adquirindo cada vez mais consciência do papel que tais instituições vinham realizando no sentido da legitimação social de seu movimento. Tal consciência pode ter incentivado, como acreditamos, a criação de novas instituições, principalmente a partir da década dos 40, após a consolidação das primeiras iniciativas.

Abrigar a infância: uma consequência “natural” da doutrina espírita?

Após a publicação de seu primeiro livro apresentando o espiritismo³, Allan Kardec funda, em janeiro de 1858, a Revista Espírita, periódico mensal que ele dirigiu até seu falecimento, em 31 de março de 1869. Com o surgimento desta revista, surgia, portanto, a imprensa espírita.

Nas páginas da Revista Espírita encontramos, basicamente, artigos que visavam divulgar a doutrina espírita e o movimento que se formava em torno dela, o qual naquele momento ainda não havia demonstrado interesse pela fundação de instituições de caráter assistencial, conforme acontecerá mais tarde, principalmente no Brasil. Mas nesse importante instrumento de circulação de informações, de grande ressonância nos meios espíritas da época, encontramos, por exemplo, um primeiro convite à ação dos espíritas no campo da assistência social. Esse convite, feito por um Espírito⁴ num dos grupos espíritas de Paris, foi divulgado na Revista Espírita de julho de 1866⁵:

¹ Na verdade, a FEB foi fundada em 1884 pelo mesmo Augusto Elias da Silva que cerca de um ano antes já havia fundado a revista Reformador. Essa instituição surge com o propósito que seu nome denota, que seria o de se tornar um órgão de unificação do espiritismo no Brasil.

² A Liga Espírita do Brasil foi fruto do Congresso Constituinte Espírita Nacional, realizado em 1926, e rivalizou com a FEB desde sua fundação até o Pacto Áureo, firmado em 1949 entre a FEB e outras lideranças do movimento espírita nacional, quando a Liga se transformou em entidade federativa de âmbito regional, denominada Liga Espírita do Distrito Federal.

³ O Livro dos Espíritos, publicado em 18 de abril de 1857.

⁴ A existência ou não dos espíritos não está posta aqui sob julgamento. Os espíritas acreditam nessa possibilidade e, por isso, as mensagens atribuídas a estas entidades metafísicas, como a que transcrevemos a seguir, na íntegra, tem grande importância na constituição do imaginário e identidade coletiva desse grupo social, atuando no terreno de suas práticas e representações.

⁵ As referências à Revista Espírita serão feitas com base na tradução realizada por Evandro Noleto Bezerra, publicada recentemente – entre os anos de 2004 e 2005 – pela Federação Espírita Brasileira, na forma de uma coleção com 12 volumes anuais (1858 a 1869).

Meu caro filho, vou falar-te um instante das questões de caridade que te preocupavam esta manhã quando ias ao trabalho.

As crianças que são entregues a amas mercenárias; as mulheres pobres que são forçadas, abdicando do pudor que lhes é caro, a servir nos hospitais de material experimental aos médicos e aos estudantes de Medicina, são duas grandes chagas que todos os bons corações devem aplicar-se em curar, e isto não é impossível. Que os espíritas façam como os católicos, contribuindo com alguns centavos por semana e capitalizando esses recursos, de modo a chegarem a fundações sérias, grandes e verdadeiramente eficazes. A caridade que alivia um mal presente é uma caridade santa, que encorajo com todas as minhas forças; mas a caridade que se perpetua nas fundações imortais, destinadas a aliviar as misérias, é a caridade inteligente e que tornaria me tornaria feliz ao vê-la posta em prática.

Gostaria que um trabalho fosse elaborado visando a criar, inicialmente, um primeiro estabelecimento de proporções restritas. Quando se tivesse visto o bom resultado dessa primeira criação, passar-se-ia a outra, que seria aumentada pouco a pouco, como Deus quer que seja aumentada, porque o progresso se realiza em marcha lenta, sábia, calculada. Repito que o que proponho não é difícil; não haveria um só espírita verdadeiro que ousasse faltar ao apelo para o alívio de seus semelhantes, e os espíritas são bastante numerosos para formar, pelo acúmulo de algumas moedas por semana, um capital suficiente para um primeiro estabelecimento destinados a mulheres doentes, que seriam cuidadas por mulheres e que então deixariam de ocultar seus sofrimentos para salvar o seu pudor.

Entrego estas reflexões às meditações das pessoas benevolentes que assistem à sessão e estou bem convicta de que elas darão bons frutos. Os grupos da província se congregariam prontamente a uma idéia tão bela e, ao mesmo tempo, tão útil e tão paternal. Aliás seria um monumento do valor moral do Espiritismo, tão caluniado, hoje e ainda por muito tempo, encarniadamente. Eu disse que a caridade local é boa, aproveita a um indivíduo mas não eleva o espírito das massas como uma obra durável. Não seria belo que se pudesse repelir a calúnia, dizendo aos caluniadores: 'Eis o que fizemos. Reconhece-se a árvore pelo fruto; uma árvore má não dá bons frutos e uma boa árvore não os dá maus'.

Pensai também nas pobres crianças que saem dos hospitais e que vão morrer em mãos mercenárias, dois crimes simultâneos: o de entregar a criança desarmada e fraca, e o crime daquele que a sacrificou sem piedade. Que todos os corações elevem seus pensamentos para as tristes vítimas da sociedade imprevidente, e que se esforcem por encontrar uma boa solução para as salvar de suas misérias. Deus quer que se tente, e dá os meios de o alcançar; é preciso agir. Triunfa-se quando se tem fé, e a fé transporta montanhas. Que o Sr. Kardec trate a questão em seu jornal e vereis como será aclamada com calor e entusiasmo.

Eu disse que era preciso um monumento material que atestasse a fé dos espíritas, como as pirâmides do Egito atestam a vaidade dos faraós; mas, em vez de fazer loucuras, fazei obras que levem o selo do próprio Deus. Todo mundo deve compreender-me; não insisto.

Retiro-me, meu caro filho. Como vês, tua boa avó ama sempre os seus filhotes, como te amava quando eras pequenino. Quero que tu os ames como eu, e que penses em encontrar uma boa organização. Poderás, se o quiseres; e, se necessário, nós te ajudaremos. Eu te abençôo.

Marie G...

Efetivamente, não chegamos a constatar nenhuma consequência direta ou imediata que se pode atribuir a mensagem acima transcrita. Até porque, em se tratando de um periódico, o impacto da

mesma ou haveria de ser percebido logo, através de novos artigos nas edições seguintes da revista, onde as idéias nela apresentadas ganhassem alguma ressonância, ou então poderíamos concluir que ela caiu simplesmente no esquecimento, conforme acreditamos que aconteceu de fato. Entretanto, o conteúdo da referida mensagem contém elementos bastante significativos, que, pelo seu sentido prático, acabam antecipando questões que se constituirão nos eixos principais da análise que conduziremos no decorrer deste trabalho. Mais tarde, em nossas conclusões, voltaremos ao assunto, apresentando os referidos elementos.

A caridade: entre o discurso doutrinário e as práticas apropriadas

Para início dessa análise, a mensagem acima referida não está exatamente afinada, pensamos, com o discurso contido nas obras consideradas pelos espíritas como basilares, publicadas por Allan Kardec. Ela propõe, acreditamos, uma prática de caridade que, apesar de social e historicamente estabelecidas, não era propriamente aquela que estava sendo cultivada no plano teórico da doutrina espírita.

Não temos dúvida de que é a virtude da caridade que aparece como motivadora e norteadora das práticas que são propostas e muitas são as mensagens publicadas nesse período abordando como tema tal virtude, direta ou indiretamente. Se formos considerar apenas aquelas que continham explicitamente no título a palavra caridade, podemos citar as seguintes:

Revista Espírita	Título	Espírito
Agosto de 1858	A caridade	São Vicente de Paulo
Outubro de 1860	A caridade material e a caridade moral	Irmã Rosália
Fevereiro de 1862	A caridade	Adolfo, Bispo de Argel
Março de 1862	A caridade para com os criminosos: problema moral	Lamennais
Março de 1862	A caridade para com os criminosos: problema moral	Elisabeth de França
Outubro de 1869	A caridade	Bernard

Entretanto, essas mensagens não fazem qualquer menção à caridade que poderia ser exercida coletivamente pelos espíritas, de forma organizada e institucionalizada, conforme a mensagem de julho de 1866. Elas falam da caridade de indivíduo para indivíduo, o mais silenciosa quanto possível, a fim de não se traduzir em interesse pessoal. Não haveria tanto valor, segundo a perspectiva predominante nessas mensagens, se a caridade fosse objeto de divulgação. Essa idéia aparece definida melhor em “O Evangelho segundo o Espiritismo”⁶, quando é feito o comentário do seguinte trecho extraído do Evangelho de Mateus, cap. 6, vv. 1 a 4:

Tende cuidado em não praticar as boas obras diante dos homens, para serem vistas, pois, do contrário, não recebereis recompensa de vosso Pai que está nos céus. – Assim, quando derdes esmola, não trombeteeis, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens. Digo-vos, em verdade, que eles já receberam sua recompensa. – Quando derdes esmolas, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a vossa mão direita; - a fim de que a esmola fique em segredo, e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará (apud Kardec, 2004, pp. 243-4).

Comentando a passagem evangélica destacada acima, Kardec aduz:

Quantos há que só dão na esperança de que o que recebe irá bradar por toda a parte o benefício recebido! Quantos os que, de público, dão grandes somas

⁶ Livro publicado por Allan Kardec em abril de 1864.

e que, entretanto, às ocultas, não dariam uma só moeda! Foi por isso que Jesus declarou: “Os que fazem o bem ostentadamente já receberam sua recompensa.” Com efeito, aquele que procura a sua própria glorificação na Terra, pelo bem que pratica, já se pagou a si mesmo; Deus nada mais lhe deve; só lhe resta receber a punição do seu orgulho (Kardec, 2004, p. 246).

Da idéia de caridade silenciosa, factível quando se trata daquela realizada pelos espíritas individualmente, para a idéia de uma ação coletiva, organizada e institucionalizada, há uma grande distância, incluindo boa dose de contradição. Isto porque a concretização dos meios que a segunda necessita para ser desenvolvida acaba exigindo a divulgação dos propósitos, a fim de atrair a colaboração daqueles que irão garantir o sustento das ações planejadas. Divulgar ou não divulgar: eis a questão!

Sendo assim, defendemos que a disposição de realizar a caridade é consequência, sim, dos ensinamentos difundidos pela doutrina espírita entre seus adeptos. Entretanto, essa disposição não teria necessariamente que desencadear o movimento de criação das instituições de assistência e amparo já mencionadas, as quais em determinado momento passam a ser reunidas no imaginário do grupo social estudado sob o título de “as obras da caridade espírita”.

Como nem a virtude da caridade nem os meios ou modalidades de exercê-la foram inventados pelos espíritas naquele momento, o que acreditamos que ocorreu foi a apropriação pelos espíritas de parte dos discursos e práticas preexistentes num campo historicamente dominado pela Igreja Romana, mas que vinha, também, sendo renovado pelas práticas da filantropia laica.

Podemos citar, em favor desse argumento, um bom exemplo de outra prática apropriada pelos espíritas, ávidos em colocar a virtude da caridade em ação. Diante da chegada de um inverno rigoroso, cujas consequências são comentadas pelo Espírito Sanson na edição da Revista Espírita de janeiro de 1863, a atitude destes, movidos pela exortação à caridade feita pelo referido Espírito, é manifestada na mesma edição da revista, da seguinte forma, sob o título “Subscrição em favor dos Operários de Rouen”:

Está aberta uma subscrição, no escritório da Revista Espírita, rua e passagem Santa Ana, 59, em benefício dos operários de Rouen, a cujos sofrimentos ninguém poderia ficar indiferente. Vários grupos e sociedades espíritas já nos enviaram o produto de suas cotizações. Convidamos os que tiverem a intenção de contribuir a apressar sua remessa, pois o inverno está aí! A lista será publicada. (Ver acima a comunicação do Sr. Sanson).

Daí em diante, outras “subscrições” foram anunciadas na Revista Espírita, tais como a que foi aberta em “benefício dos pobres de Lyon e das vítimas da cólera”, anunciada em dezembro de 1865, e aquela “em favor dos Queimados de Limoges”, divulgada em dezembro de 1864. Essa prática das subscrições, mais tarde, chegou, inclusive, ao movimento espírita brasileiro, conforme pudemos verificar nas páginas da revista Reformador, no final do século XIX.

Da mesma forma, a prática de abrigar crianças ou idosos em asilos começa a ser incorporada pelos espíritas mesmo antes do chamamento feito naquela mensagem de julho de 1866. Um único exemplo desse fato é encontrado na Revista de outubro de 1863, que noticiou a inauguração do “Retiro de Cempuis, perto de Grandvilliers, no Departamento do Oise, fundado pelo Sr. Prévost, membro da Sociedade Espírita de Paris”. Entretanto, esta é uma ação de espírita isolado, admirada e aplaudida de fora pelo movimento espírita de então, muito diferente do que iremos encontrar mais tarde no Brasil, quando os espíritas se associam para fundar instituições que nascem como parte integrante do próprio movimento espírita.

Por enquanto, essas que são ações isoladas não fazem parte ainda das representações que os espíritas alimentam sobre si mesmos, tanto que nas diversas vezes que Kardec faz um certo balanço do movimento espírita de então, tais iniciativas ainda não fazem parte de nenhum dos seus levantamentos.

Apenas no plano das intenções é que Kardec projeta para o movimento espírita algumas instituições assistenciais, que acaba não tendo tempo de materializar. Neste sentido é que ele defende,

na Revista Espírita de dezembro de 1868, a criação de uma asilo⁷, mas ressalvando que esse projeto não poderia ser realizado logo, tendo em vista os capitais necessários a semelhante fundação.

As “obras da caridade espírita” no Brasil

Kardec tinha um pouco de razão em não acreditar na possibilidade imediata de realização daquele projeto de fundação de um asilo. Tanto que no Brasil, pelo menos até o final do século XIX, esta iniciativa também fica apenas no plano das intenções. Em notícia encontrada no Reformador de 15 de novembro de 1890, por exemplo, constatamos esse propósito no Artigo 3º dos Estatutos da “Sociedade Espírita Paraense”, onde estava escrito que “a sociedade fundará escolas de instrução elementar e profissional, asilos para infância e para a velhice”. Não há, contudo, informações que atestem se mais esta intenção tenha se concretizado.

Não sabemos, ainda, quando exatamente as intenções se transformaram em realidade consolidada, mas, saltando no tempo, em 1º de abril de 1927, um espírita de nome João Torres anuncia em Reformador, sob o título “As obras da caridade espírita”, a fundação do “Asylo Espírita João Evangelista”. O mesmo Antonio Torres escreve, a partir de 1929, na Revista Espírita do Brasil, uma série de artigos sob o mesmo título, onde se dedica a, mensalmente, apresentar uma obra assistencial diferente.

O que essa série de artigos intitulados de “As obras da caridade espírita” nos apresenta de significativo é o conhecimento de que, pelo menos a partir de 1927, os espíritas já fazem um inventário das obras assistenciais que surgiram dentro do chamado movimento espírita organizado. Essas obras se tornam um orgulho para os adeptos do espiritismo e passam a povoar seu imaginário, o que acabava estimulando ainda mais a proliferação das mesmas.

Apenas para termos uma idéia das instituições que são motivo da atenção dos espíritas no ano de 1929, relacionamos, abaixo, as que foram objeto dos artigos publicados na Revista Espírita do Brasil:

Mês	Obra assistencial objeto do artigo de Antonio Torres ⁸
Janeiro	Abrigo Thereza de Jesus
Fevereiro	Amparo Thereza Christina
Março	Asylo Anália Franco
Abril	Asylo de Orphãs Anália Franco (São Manoel – SP)
Maiο	Asylo Deus, Christo e Caridade (Cachoeiro de Itapemirim – ES)
Agosto	Asylo Espírita João Evangelista
Setembro	Abrigo Thereza de Jesus
Outubro	Hospital Angélica (São Gonçalo – RJ)
	Abrigo Seara dos Pobres
	Dispensário Antonio de Pádua
Dezembro	Asylo Legião do Bem

Mas em julho de 1929, o responsável pelos artigos acima referidos defende:

Somos dos que pensam, no que diz respeito às obras da caridade espírita entre nós, a vista da falta de recursos, de um lado, e a falta de uniformidade dos serviços inerentes, de outro lado, que mais acertadamente andaríamos, neste particular restringindo os nossos estabelecimentos, de modo a concorrer-se para o desenvolvimento e manutenção dos já existentes. (...)

Assim, somos dos que julgam acertada a unificação das obras da caridade espírita já existentes nesta capital, concretizadas nos estabelecimentos que

⁷ Kardec não define a quem se o asilo seria destinado: a crianças ou a idosos.

⁸ As obras cuja localização não estão mencionadas no quadro, são todas da própria capital federal (cidade do Rio de Janeiro).

abaixo especificamos, fazendo um apelo fraternal aos espíritas para as socorrerem, pelo menos, inscrevendo-se nos seus quadros sociais:

Abrigo Thereza de Jesus
 Asylo Anália Franco
 Asylo Espírita João Evangelista
 Amparo Thereza Christina
 Asylo Legião do Bem
 Dispensário Antonio de Pádua

A tese defendida por Antonio Torres chega a ser questionada por uma carta de leitor publicada e retrucada na revista de outubro de 1930. Entretanto, o silêncio posterior, com o fim da série “As obras da caridade espírita”, e o surgimento de muitas outras instituições assistenciais na capital, noticiado na própria Revista Espírita do Brasil, demonstra que sua tese de “unificação” não teve o êxito esperado.

A “obras” na produção da identidade espírita brasileira: uma afirmação diante dos “outros” e de si mesmos

Camurça (2001) é o primeiro que vimos levantar a tese de que os espíritas tiveram na constituição de obras filantrópicas um importante instrumento de afirmação de sua identidade religiosa e de legitimação de seu movimento, o qual vinha sendo perseguido, desde o fim do século XIX, sob a acusação de charlatanismo, curandeirismo e prática ilegal da medicina, conforme nos dizem os estudos de Giumbelli (1997) e Damazio (1994). Para Camurça, “o exercício da caridade logrou assegurar reconhecimento e popularidade para o movimento que se traduz no número considerável de instituições kardecistas na cidade [Juiz de Fora – MG] e na alta frequência a elas” (p. 154).

Mas, na produção dessa identidade, podemos dizer que muitos olhares se voltam para a ação social desenvolvida pelos espíritas brasileiros. De um lado, como não poderia deixar de ser, existia a Igreja que procurava defender o seu “rebanho”. Alguns opúsculos, inclusive, foram publicados recomendando a “interdição de qualquer ajuda ao espiritismo”, inclusive aos “asilos, creches, maternidades, hospitais, albergues noturnos, etc.”, enfim, a tudo o era feito em nome da “caridade” pelos espíritas, mas que não passava de “propaganda da doutrina espírita”, que acaba sendo sustentada por contribuições que eram arrecadadas através de “petitórios, subscrições, festas populares etc. (...) entre os próprios católicos” (Frei Boaventura, 1954). Ou seja, eram os católicos, desavisados, que vinham sustentando um dos principais meios de divulgação daquela doutrina, tratadas por muitos padres como verdadeira heresia a ser combatida.

Nessa “Campanha Nacional contra a Heresia Espírita”, defendia-se que:

Atendendo a que muitos procuram o Espiritismo em busca de remédio ou chegam à heresia através das obras sociais espíritas:

A) Medidas a adotar:

1. suscitar obras sociais, católicas ou de inspiração católica, que se antecipem a obras similares mantidas pelo Espiritismo ou que lhes contrabalancem a eficácia, caso tenha cabido ao Espiritismo a iniciativa;
2. atuar junto ao Conselho Nacional de Serviço Social e aos Exmos. Congressistas, mostrando a incongruência de manter o art. 284 do Código Penal e atribuir subvenções a instituições espíritas que, a pretexto de caridade, vão promover exercício ilegal da medicina;
3. esclarecer os católicos sobre as penalidades para os que contribuem, com dinheiro ou com trabalho, para obras heréticas (Frei Boaventura, 1954).

Sobre a atitude católica de proibir o auxílio às obras espíritas, uma publicação que conta a história do Abrigo Thereza de Jesus (fundado em 1919 na cidade do Rio de Janeiro), narra um fato provavelmente relativo à década de 1920:

O Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal D. Joaquim de Arcoverde Cavalcante, publicou pelos jornais uma Pastoral, proibindo que os católicos auxiliassem o Abrigo. A Diretoria, servindo-se também dos Jornais, respondeu aconselhando aos espíritas a também ajudar as Instituições Católicas. Escusado seria dizer que tal proibição redundou em grande propaganda, tendo o Abrigo recebido grandes manifestações de solidariedade de Católicos que não concordaram com aquela proibição (Abrigo Thereza de Jesus, 1969).

Mas, além da Igreja, outros seguimentos sociais passam a identificar a atuação espírita no campo da assistência social. É assim que, segundo Rizzini (1995, p. 267):

Em 1940, o juiz de menores do Rio de Janeiro Saul de Gusmão (1941)⁹ deu início ao “serviço de recenseamento e fiscalização das casas de proteção à infância” (p. 59). Com esse fim, o curador de menores inspecionou pessoalmente 54 estabelecimentos, 33 deles registrados no Juízo de Menores. Das instituições registradas, 27 eram católicas e 6 espíritas.

Os espíritas, em muitas cidades, tornam-se parceiros do poder público. Isidoro Duarte Santos, ao passar pela cidade de Cachoeira Paulista, no Estado de São Paulo, narra que “o Albergue Noturno fornece café e banhos e mantém-se em perfeita ligação com o Delegado Policial (...) As autoridades estão em ligação com o Espiritismo na luta contra a indigência, o maior cancro social! Matar a Doutrina seria flagelar a comunidade”(1960a, pp. 209-10).

Mais adiante, o viajante confirma o recebimento, pelos obras sociais espíritas, de subvenções públicas. Ainda se referindo ao trabalho desenvolvido na cidade de Cachoeira Paulista, ele afirma que:

Pois todo este esforço é de origem particular. O Estado entra com muito pouco no auxílio às obras espíritas. Em 1955 a subvenção federal foi de 2.000 cruzeiros; a estadual de 10.000 e a municipal de 1.000. Uma ninharia. Mercê de fortes diligências houve subvenção federal extraordinária de 95.000 cruzeiros que permitiu a ampliação das obras (1960a, p. 210).

Os próprios espíritas, conforme já vimos na seção anterior, tomam conhecimento das instituições que vinham sendo fundadas, o que, para eles, passa a ser motivo de orgulho e, porque não dizer, de afirmação da identidade, pois segundo Pesavento (2004, p. 91):

A identidade se constrói em torno de elementos de positividade, que agreguem as pessoas em torno de atributos e características valorizados, que rendam reconhecimento social a seus detentores. Assumir uma identidade implica encontrar gratificação com esse endosso. A identidade deve apresentar um capital simbólico de valorização positiva, deve atrair a adesão, ir ao encontro das necessidades mais intrínsecas do ser humano de adaptar-se e ser reconhecido socialmente.

Além disso, há a consciência, não muito declarada, de que as obras assistenciais ajudam, também, na divulgação dos princípios doutrinários. Sobre este pensamento, numa das edições da revista Estudos Psíquicos do ano de 1947 consta que o Deputado Dr. Campos Vergal apresentaria uma comunicação oral, no 2º Congresso de Confraternização de Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro, sobre o tema “Das obras de assistência social como fator maior a propaganda do espiritismo”.

Não se tratava apenas de propaganda, mas de um respeito social que vinha sendo conquistado, conforme podemos confirmar no seguinte trecho da narrativa de Isidoro Duarte Santos a respeito do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, de Nova Iguaçu:

⁹ GUSMÃO, Saul de. *Proteção à infância* (Relatório do Juiz de Menores do Distrito Federal – 1940). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

Um dia, o seu presidente Leopoldo Machado recebeu ordem de cessar as atividades.

– Muito bem - disse ele a quem de direito -. Fechamos também as escolas que mantém, bem como a sua obra de caridade.

Ao ouvir isto, a autoridade ponderou as ordens que dera e pouco depois o Centro reabria as portas, sem alterar os fins e as diretrizes (1960a, pp. 22-3).

Um outro expectador a ser considerado na constituição dessa identidade, é o espírita estrangeiro, que vai concluindo que o espiritismo no Brasil toma rumos diversos ao que ocorre em outros países. Sobre este assunto, é digno de registro que em agosto de 1947, também em Estudos Psíquicos, Deolindo Amorim¹⁰ escreveu que:

Diz-se que o Espiritismo no Brasil é mais religioso do que científico. Sob o ponto de vista prático, prefiro dizer mais social, isto é, mais inclinado para obras de assistência (asilos, orfanatos, creches, hospitais, escolas, abrigos, albergues etc.) do que realmente para trabalhos experimentais.

O português Isidoro Duarte Santos, que já acompanhava os relatos dos brasileiros através de sua revista, conforme o que acabamos de reproduzir, vindo pessoalmente demonstra surpresa diante do que vê, justificando os propósitos de sua viagem:

O Espiritismo no Brasil assumiu proporções assombrosas. Os que não vieram cá ignoram quase tudo, porque os jornais pouco noticiam. A propaganda é deficiente. Trabalha-se no silêncio, quantas vezes no sacrifício, e não há sinos a tocar, para que o mundo note. Quem vê e ouve é o próprio necessitado. Esse sabe onde está a obra e para lá dirige os passos. E sempre encontra a porta aberta. Há dificuldade? Dá-se um jeito... e tudo se vai arrumando... (1960a, p. 103).

Neste ponto, gostaríamos de lembrar o que disse o Espírito na mensagem de 1866:

Eu disse que era preciso um monumento material que atestasse a fé dos espíritas, como as pirâmides do Egito atestam a vaidade dos faraós; mas, em vez de fazer loucuras, fiz obras que levem o selo do próprio Deus. Todo mundo deve compreender-me; não insisto.

Pois bem, no intróito do segundo volume que reúne a crônica de sua viagem ao Brasil, nosso português esclarece:

Este segundo volume é o prosseguimento da jornada que realizei no sector espírita brasileiro, em busca de imagens vivas que refletissem as obras monumentais, que se impõem a gregos e troianos, na terra augusta do cruzeiro (1960b, p. 7).

Acreditamos, com isso, que movidos pelo lema “Fora da caridade não há salvação”, os espíritas tiveram, efetivamente, consciência do importante papel desempenhado pelos “monumentos da fé” que erigiram. Eram, mais que uma obra de propaganda doutrinária, um atestado necessário de suas boas intenções cristãs¹¹, que os ajudaram a enfrentar muito bem a hostilidade de que eram vítima.

¹⁰ Advogado, jornalista e escritor espírita brasileiro. Foi um dos fundadores, em 1957, do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Dentre outras atividades, era correspondente internacional da revista Estudos Psíquicos, de Lisboa.

¹¹ Podemos notar, neste sentido, que os nomes das instituições espíritas voltadas para a ação assintencial tinham, principalmente nessas primeiras décadas, nomes que apontavam para o caráter cristão da doutrina

Eram uma afirmação, para os outros e para si mesmos, da identidade espírita. Portanto, essa “obra” deveria ser mostrada dentro e fora do movimento espírita, no Brasil e em outros países.

Conclusões

Voltando à pergunta que nos propomos responder inicialmente, retornamos, também, à mensagem daquele Espírito que em 1866 propôs justamente o que começou a ser concretizado cerca de 50 anos mais tarde pelos espíritas brasileiros, diferenciando-os dos espíritas de outros países por sua ênfase no aspecto social ou assistencial.

A referida mensagem, como havíamos dito anteriormente, contém elementos de um discurso que, para nós, descortina não somente as intenções que estivemos procurando mas também as características da obra que se estabeleceu, dando aos espíritas brasileiros uma identidade peculiar. Esses elementos são:

1º) a caridade não deixaria de ser a justificativa fundamental para a fundação de instituições espíritas com o objetivo de amparar os necessitados em geral e, em especial, as crianças ditas órfãs;

2º) os espíritas não estariam inventando a prática de abrigar crianças em nome do sentimento de caridade, mas apenas se apropriando de uma prática já inteiramente consolidada entre os católicos;

3º) o financiamento das primeiras instituições a serem fundadas seria uma barreira inicial de proporções significativas, mas possível de ser superada pela união de esforços e pelo sucesso das iniciativas pioneiras;

3º) há uma consciência prévia de que as iniciativas sugeridas na mensagem, se levadas a efeito, se transformariam em verdadeiros monumentos que ajudariam na consolidação do espiritismo perante um contexto social que lhe era hostil.

Sendo assim, pensamos que a atuação dos espíritas no campo da proteção à infância, assim como na assistência social em geral, traz a marca da contradição inicial entre a caridade silenciosa que vinha sendo proposta no discurso doutrinário espírita e o repertório dos discursos e das práticas de caridade consolidados social e historicamente. Essa atuação não deixou de ser a afirmação de um princípio básico – a caridade – que, partindo do foro individual na direção das ações coletivas, acabou encontrando um terreno já previamente cultivado, cuja configuração norteou as práticas nele levadas a termo. Entretanto, não há como negar que desde o início era possível de se prever, como na mensagem do Espírito, que um maior reconhecimento ou popularidade seriam alcançados com os rumos efetivamente tomados.

A pergunta inicial, portanto, tem dupla resposta: nem sentimento nem interesse, isolados. Os dois juntos, como as duas faces de uma mesma moeda.

Referencias bibliográficas

ABRIGO THEREZA DE JESUS. *Pequena história do Abrigo Thereza de Jesus nos cinqüenta anos de sua existência*. Rio de Janeiro, Editora Eco, 1969

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Fora da Caridade não há Religião! Breve história da competição religiosa entre catolicismo e espiritismo kardecista e de suas obras sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. In: *LOCUS: revista de história*. Juiz de Fora, Núcleo de História Regional/Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF, 2001. v. 7, n. 1, pp. 131-54.

DAMAZIO, Sylvia. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994.

espírita. Apenas como exemplo, podemos citar alguns dos abrigos para crianças visitados por Isidoro Duarte Santos: Lar de Jesus, em Nova Iguaçu-RJ; Lar de Maria, em Macaé-RJ; Escola Jesus-Cristo, em Campos-RJ; Instituto Jesus e Instituto Maria, em Juiz de Fora-MG; e Abrigo Jesus, em Belo Horizonte-MG.

- FREI BOAVENTURA, O. F. M. *Material para instruções sobre a heresia espírita*. Petrópolis, Editora Vozes, 1954.
- GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997.
- KUHLMANN JR., Moysés. A circulação das idéias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX. In: FREITAS, Marcos Cezar de & KUHLMANN JR., Moysés (orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo, Cortez Editora, 2002, pp. 459-503.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.
- RIZZINI, Irma. Meninos desvalidos e menores transviados: a trajetória da assistência pública até a Era Vargas. In: PILOTTI, Francisco & RIZZINI, Irene. *A arte de governar crianças*. Rio de Janeiro, Instituto Interamericano Del Niño, Editora Universitária Santa Úrsula, Amais Livraria e Editora, 1995, pp. 243-98.
- SANTOS, Isidoro Duarte. *O espiritismo no Brasil (ecos de uma viagem)*. vol. 1. Rio de Janeiro, J. Ozon Editor, 1960a.
- SANTOS, Isidoro Duarte. *O espiritismo no Brasil (ecos de uma viagem)*. vol. 2. Rio de Janeiro, J. Ozon Editor, 1960b.